

PROGRAMA FUNERÁRIO DOS TUPINAMBÁ EM ARARUAMA, RJ – SÍTIO BANANEIRAS*

Angela Buarque **
Claudia Rodrigues-Carvalho**
Elizabeth Christina da Silva**

BUARQUE, A.; RODRIGUES-CARVALHO, C.; SILVA, E.C. Programa funerário dos Tupinambá em Araruama, RJ – Sítio Bananeiras. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 13: 39-55, 2003.

RESUMO: O objetivo deste artigo é apresentar informações significativas sobre um sepultamento presente no sítio arqueológico Bananeiras, Araruama, RJ, relacionado à ocupação Tupinambá. Destaca-se a preservação de remanescentes esqueléticos, os quais, embora friáveis, permitiram a realização de análises osteológicas macroscópicas, revelando um sepultamento primário de indivíduo do sexo feminino, sem sinais patológicos evidentes, à exceção de lesões cariosas compatíveis com a estratégia de subsistência postulada para o grupo a que pertenceu. A comparação dos dados procedentes de outros sítios pesquisados nos permite lançar a hipótese da existência de um programa funerário uniforme na região, caracterizado pela presença de urna funerária com tampa e tigelas pintadas associadas. Apesar de confirmado o enterramento primário em urna, a ausência de vestígios esqueléticos passíveis de análise em sítios semelhantes não permite estabelecer esta prática como exclusiva na região.

UNITERMOS: Tupinambá – Estrutura funerária – Dados etnográficos – Bio-arqueologia.

Introdução

A Região do Complexo Lagunar de Araruama, RJ, foi área de ocupação e de circulação de diferentes grupos indígenas. A grande quantidade de lagoas e lagunas, riachos, áreas de encostas, além das proximidades da Mata Atlântica, tornaram a região um ambiente propício ao estabelecimento de grupos horticultores e ceramistas, como os Tupinambá, que ocuparam a região há mais de 2.000

anos. Tem relevo aplainado e ondulações formadas por processos erosivos relacionados com as flutuações do nível do oceano e a drenagem continental. Há testemunhos rochosos gnáissicos com altitudes superiores a 100 metros, como o Mirante da Paz de onde se pode ter um alcance de 360°, possibilitando uma visão panorâmica do litoral de Araruama, Saquarema, Arraial do Cabo, até as áreas interioranas de Morro Grande e São Vicente, lugares densamente ocupados, também, desde tempos pré-coloniais. Esses locais destacados devem ter sido utilizados como pontos estratégicos que permitiram um amplo domínio da região, seja para controle dos cardumes que entravam na lagoa, seja para o envio de sinais para os aliados ou para perceber a aproximação de inimigos.

(*) Apoio FAPERJ (Projeto Soberanos da Costa).

(**) Depto. de Antropologia. Museu Nacional do Rio de Janeiro-UFRJ.

O clima é quente e úmido, sem inverno pronunciado, predominando os ventos de Sudoeste/Nordeste. Análises antracológicas realizadas na região (Scheel - Ybert 1999:45) apontam um paleoambiente caracterizado basicamente pela interface de três associações vegetais: a floresta de restinga, o mangue e, mais para o interior, formações florestais como a Mata Atlântica.

A vegetação, bastante alterada atualmente, apresenta características de restinga e de transição para a floresta Atlântica de encosta (Buarque & Martins 1999).

Os sítios arqueológicos que estamos pesquisando são identificados com o conjunto denominado de subtradição Tupinambá (Brochado 1991:85), que se refere a populações horticultoras, cuja principal evidência arqueológica é uma cerâmica com decoração geométrica e policrômica, ou com motivos plásticos, com variados tipos de tigelas e urnas que serviam a funções cotidianas coletivas, como preparo e armazenagem de alimentos, estando vinculadas também a atividades específicas relacionadas a rituais ou troca de bens. As pesquisas realizadas informam que a ocupação da região pelos Tupinambá ocorreu desde 2.600±160 B.P.¹ (Buarque 2002), de acordo com a data obtida para uma fogueira associada a uma das

estruturas funerárias encontradas na Aldeia tupinambá de Morro Grande (Buarque 1995, 1999, 2000).

O sítio arqueológico Bananeiras (Fig. 1 - nº 102 no cartograma abaixo) está localizado no Loteamento Parque Novo Horizonte, Bairro Bananeiras Av. Beira Rio 305, Araruama, RJ² que fica próximo à lagoa de Araruama, a cerca de 500 metros, aspecto claramente definido na estratigrafia pela presença de camadas naturais de conchas. Localizado em área densamente urbanizada, a estrutura funerária encontrada, composta de urna com tampa associada a tigelas, estava bem conservada e foi localizada no momento em que os proprietários preparavam o terreno para a expansão da área construída. O desconhecimento dos mesmos, quanto à importância do patrimônio arqueológico, resultou na destruição parcial das duas primeiras camadas estratigráficas, prejudicando a interpretação do contexto arqueológico dos vestígios funerários e comprometendo parte da análise, já que a tampa e duas das tigelas associadas foram parcialmente destruídas, impossibilitando verificar sua posição original. Apesar dessa destruição parcial, ainda foi possível perceber o restante da associação relacionada à pesquisa.

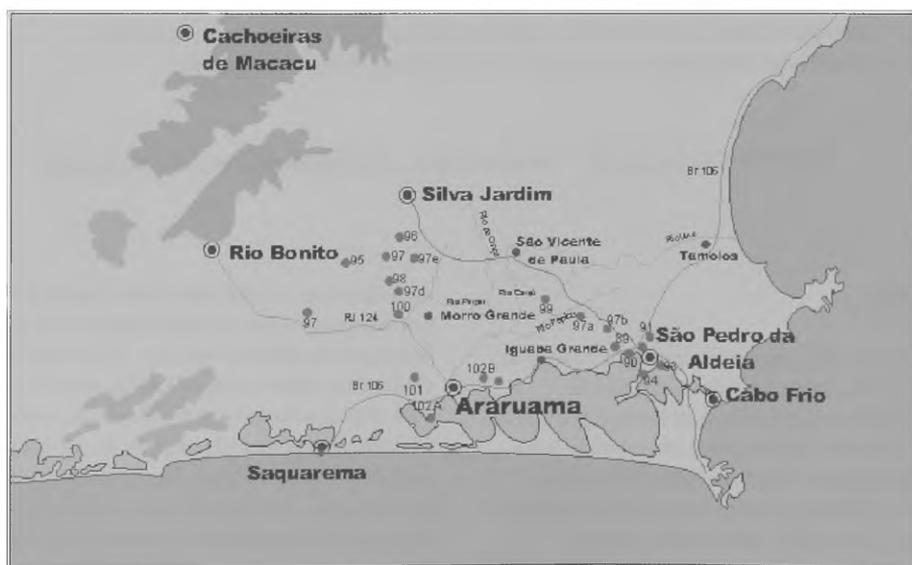


Fig. 1 – Cartograma da Região dos Lagos com os sítios Tupinambá plotados.

(1) Prime Lab, data obtida por Kita Macário, em sua tese de doutoramento no Depto de Física, UFF.

(2) UTM 23K 0778570 e 7468837.

Em função das condições limitadas, resultantes das construções existentes em todo o entorno, só foi possível abrir uma pequena área, de forma a expor a urna com o esqueleto, que havia ficado *in situ*. Parte do material associado, a tampa da urna e duas das três tigelas, havia sido deslocada e estava parcialmente destruída. Além das peças encontradas, o perfil deixou visíveis os restos de fogueira, poucos fragmentos cerâmicos e algumas lascas de quartzo.

As camadas, todas arenosas, a partir do perfil NW (Fig. 2), podem ser descritas da seguinte maneira:



Fig. 2 – Perfil estratigráfico NW, Setor 1, Quadra I. Foto A Buarque.

– A camada I, mais superficial, é preta, com matéria orgânica misturada a conchas fragmentadas, com 0,50m de espessura e ausência de material arqueológico;

– A camada II, em tom amarelo claro, também misturada a conchas fragmentadas, tem 0,25m de espessura, e possui grande concentração de material arqueológico;

– A camada III, com 0,35m de espessura, compõe-se de sedimento arenoso misturado a fragmentos de *Anomalocardia brasiliiana* (Gmelin 1971), resultado da proximidade da lagoa, apresentando lentes de carvão, além da presença de material arqueológico. Nessa camada tinha início a parte superior da urna funerária com alguns fragmentos da tampa, bem como as tigelas pintadas, como pode ser verificado na Figura 3. Sobre a região torácica do esqueleto foram encontrados dois pingentes feitos de concha que, certamente, faziam parte de um colar, bem como alguns núcleos de diabásio.

– A camada IV, formada de areia branca de fundo de lagoa e fragmentos de conchas, tem início a partir de 1,10m de profundidade, sem que tenha sido encontrado qualquer material arqueológico.

Estrutura funerária

A estrutura funerária era composta de uma urna com tampa, um pote e duas tigelas pintadas, associadas a um esqueleto humano, como pode ser observado na foto abaixo (Fig. 3).



Fig. 3 – Estrutura funerária Sítio Bananeiras, Q1, NW, Sepultamento 1. Foto A. Buarque.

Um pote marrom escuro de pequenas dimensões (Fig. 4), com 0,10 m de altura e 0,07 m de diâmetro, borda extrovertida, lábio apontado, liso interna e externamente, portando apenas decoração unglada nos três roletes aparentes do pescoço da peça (Fig. 5), encontrava-se no interior da urna sobre o crânio do esqueleto. Como as demais peças cerâmicas, o pote contém pasta de argila



Fig. 4 – Pote encontrado sobre o crânio. Foto A.Buarque.



Fig. 5 – Representação. Desenho de Bruno Roedel.

com antiplástico de areia grosseira e queima por oxidação incompleta.

As duas tigelas pintadas se encontravam deslocadas de seu posicionamento, já que foram quebradas e espalhadas no entorno da estrutura. No entanto, os fragmentos permitiram o restauro da tigela redonda (Fig. 6), que apresenta um diâmetro de 0,54 m e 0,18 m de altura e possui face externa lisa, sem decoração, e face interna também lisa, mas com engobe creme sob pintura geométrica na cor preta, em linhas meândricas concêntricas, a partir de um ponto central. Nota-se a presença de setas pretas em alguns pontos do desenho, provavelmente, nos locais em que a artista terminava a série. A borda possui reforço externo e lábio redondo, com 0,25m de espessura, apresentando dupla faixa vermelha, que separa a borda do corpo da tigela, na face interna. Essa é uma característica presente no interior de todas as peças pintadas encontradas na região de Araruama, com variação apenas no número de faixas, marcando a mudança do motivo decorativo entre a borda que expõe e o corpo que guarda. A borda apresenta ainda uma decoração em linhas paralelas inclinadas, entre as duas faixas, separando nitidamente os dois campos de atuação (Prous 2002, mimeo), borda e corpo, características que podem ser percebidas na reconstituição do motivo decorativo³ (Fig. 7).

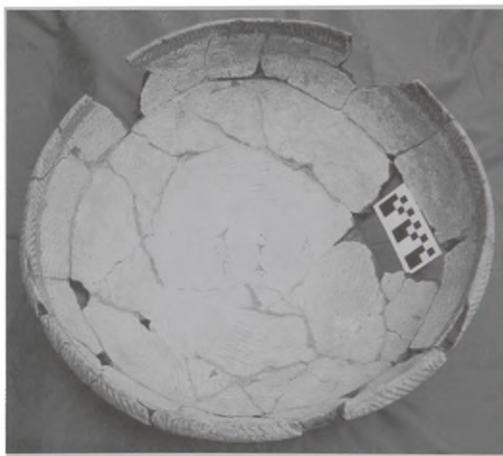


Fig. 6 – Tigela redonda pintada da estrutura funerária.

A outra tigela pintada ainda se encontra em fase de restauro. De forma oval, a peça possui 0,47 m de diâmetro maior e 0,37 m de diâmetro menor, aproximadamente, apresentando face externa lisa e sem decoração, e face interna com engobe branco sob desenho geométrico em linhas grossas com pontos superpostos. A tigela, bastante destruída, apresenta decoração diferenciada que marca oposição entre os quatro lados. Nos dois maiores, os motivos são lineares e repetidos, acompanhando os lados retilíneos da peça, mas em posições contrárias, e acentuando uma tendência freqüente entre as oleiras

(3) Reconstituição feita por Bruno Roedel.

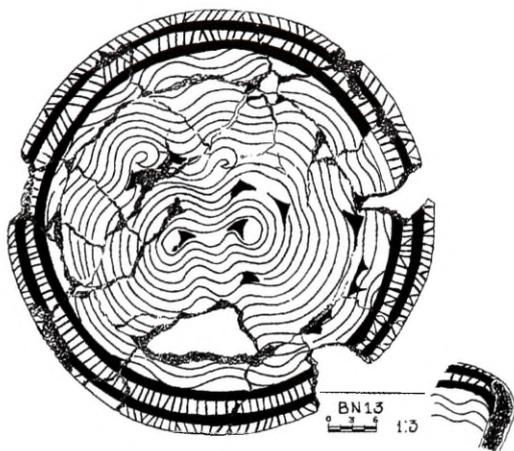


Fig. 7 – Reconstituição do motivo decorativo da tigela redonda pintada. Desenho Bruno Roedel.

Tupinambá, identificada busca de um dinamismo da peça a partir da desconstrução do motivo inicial; nas duas extremidades que mostram o contorno oval, o desenho, em linhas curvas, forma motivos que lembram folhas de palmeiras. A base da tigela é plana e está totalmente erodida, impedindo a reconstituição do motivo em toda sua integridade. Pode-se sugerir, apenas, que o fundo fosse formado por um motivo que pudesse compor com os quatro lados, claramente diferenciados. O desenho abaixo (Fig. 8) representa um croqui com a reconstituição do motivo decorativo.

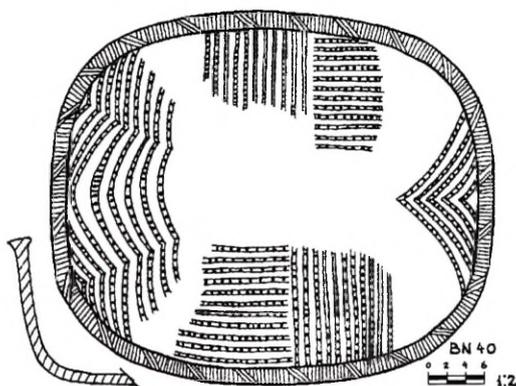


Fig. 8 – Reconstituição do motivo decorativo da tigela oval. Desenho Jefferson da Silveira Martins.

A urna funerária é carenada, de formato oval, (Fig. 9), marrom escura,⁴ apresenta face interna lisa e sem decoração, e face externa com decoração dígito-ungulada na seção intermediária entre a carena e a borda, com reforço externo de decoração corrugada e lábio redondo. Abaixo da carena, até a base plana, observa-se corrugado de cunho prático,⁵ marcando uma diferença acentuada com o restante da peça, (La Salvia & Brochado 1989: 25). Em sua base, a presença de um pé sugere a utilização anterior da peça como recipiente, provavelmente para bebida. Seu formato singular difere de qualquer outra peça da região. As urnas encontradas na aldeia de Morro Grande, sítio datado de 1740 ± 90BP (Buarque 1999:312), são carenadas, mas com contorno arredondado e, em geral, corrugadas. No sítio Serrano (Buarque & Martins 1999), que apresenta vestígios incontestáveis do contato com o europeu, as urnas têm formato arredondado, podendo ter decoração corrugada ou escovada (Diagrama 1).



Fig. 9 – Urna funerária do Sepultamento 1, Quadra 1, Camada 3. Foto A. Buarque.

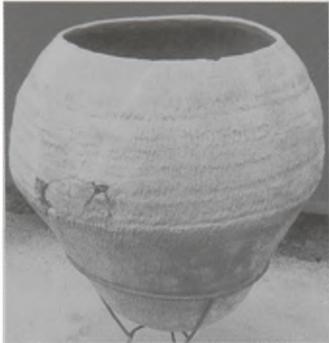
No interior da urna funerária encontravam-se os remanescentes esqueléticos de um único indivíduo (ainda com parte das vértebras e

(4) ST70 no código de cores A. Cailleux.

(5) “Aquele que busca a construção do recipiente, com a fixação dos cordéis, o fechamento dos interstícios e solidificação das paredes, buscando dar a forma definitiva ao recipiente”. (La Salvia & Brochado 1989: 25)

Diagrama 1

Tipos de urnas encontradas nas aldeias Tupinambá de Araruama

Aldeia de Morro Grande 1740 ± 90BP	Sítio Serrano (? – 1580 AD)	Sítio Bananeiras 430± 40 BP
		
		

costelas em conexão anatômica), cujas condições serão descritas adiante. A tampa da peça foi encontrada completamente destruída, sem que fosse possível descrever sua forma. A maioria dos seus fragmentos era de dimensões muito pequenas, dificultando em demasia o trabalho de restauro. No entanto, suas características tecnológicas e decorativas permaneceram inalteradas, mostrando uma pasta com antiplástico de areia média e queima por oxidação incompleta, visíveis na totalidade dos fragmentos, com decoração corrugada.

Os remanescentes esqueléticos

O material ósseo humano retirado do interior da urna, embora em condições excepcionais de preservação para este tipo de sepultamento (Fig. 10), apresentava-se extremamente frável, com extensos sinais de corrosão em

todo o esqueleto, evidenciados pela esfoliação e fragmentação da superfície cortical da maioria dos ossos e destruição de algumas regiões trabeculares (Fig. 11), sugerindo degradação do tecido ósseo em meio ácido. Tal acidez poderia ser resultado do próprio processo de decomposição do corpo no interior da urna, de condições peculiares do solo onde fora depositado ou ainda da conjugação de ambos os fatores. Considerando-se os cinco estágios de preservação desenvolvidos por Behrensmeier (1978, apud Buikstra & Ubelaker 1994, Ubelaker 1997), a maioria dos segmentos ósseos recuperados poderiam ser classificados no estágio 4, indicativo de preservação precária, em condições concordantes com a descrição feita acima. A análise detalhada dos processos tafonômicos e das condições de preservação deste esqueleto encontra-se em andamento.

Dada a fragilidade do material, optou-se pela imediata consolidação destes remanescentes em

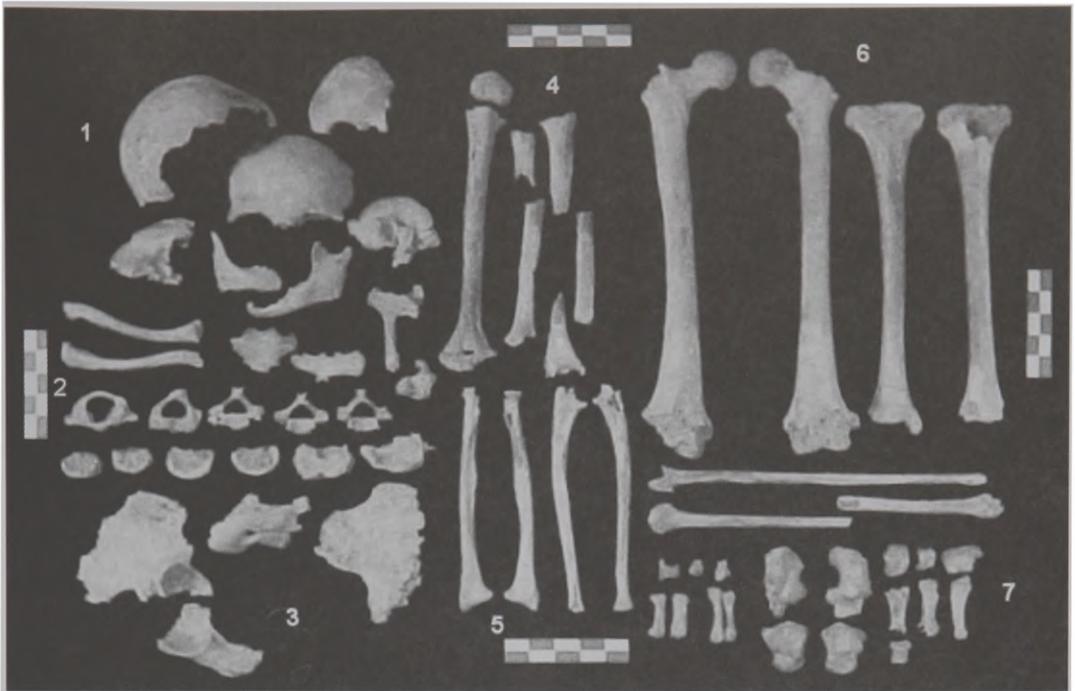


Fig. 10 – Principais segmentos ósseos recuperados no sepultamento. Foto Claudia Rodrigues.



Fig. 11 – Hemi-mandíbula esquerda, vista posterior, evidenciando o padrão de degradação do tecido ósseo. Foto Claudia Rodrigues.

laboratório, para garantir a preservação das peças.⁶ Cerca de 95% do material foi tratado com B72

(6) Análises realizadas no Laboratório do Setor de Antropologia Biológica, Departamento de Antropologia,

dissolvido em acetona, exceto uma pequena porção de material, isenta de qualquer tratamento químico, recolhida para análises futuras que por ventura demandem material nessas condições (procedimento padrão do laboratório). Este procedimento já tornou possível a datação de parte dessa amostra por AMS.

A análise osteológica macroscópica confirmou a expectativa inicial de que o conjunto ósseo resgatado pertencera a um único indivíduo, apresentando mais de 80% do esqueleto preservado. Foram identificados e recuperados fragmentos de crânio, fragmentos de ambos os lados do corpo da mandíbula, oito dentes, vértebras e fragmentos de vértebras (cervicais, torácicas e lombares), esterno, clavículas, fragmentos de escápulas, fragmentos de costelas, 10 ossos do carpo e do

Museu Nacional/UFRJ. De acordo com os protocolos internos deste laboratório, a consolidação é realizada apenas em casos excepcionais, quando o material é por demais frágil ou quando é necessário garantir sua integridade física frente à manipulação para fins científicos e/ou museológicos.

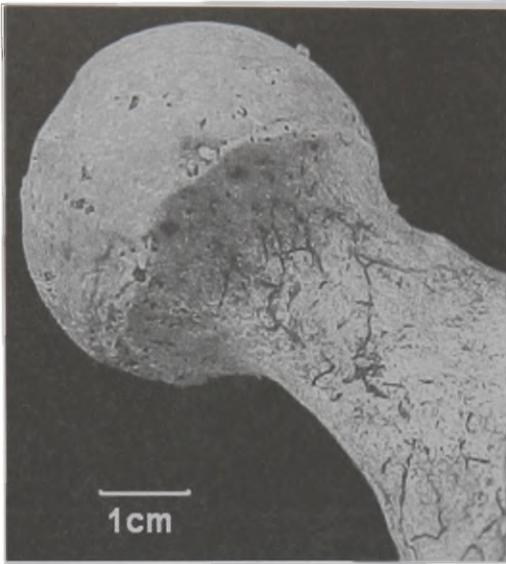


Fig. 12 – Fêmur direito (colo), vista posterior evidenciando marcas de raízes. Foto Claudia Rodrigues.

tarso (mãos e pés), além de úmeros, rádios, ulnas, fêmures, tíbias e fíbulas de ambos os lados.

Além das alterações pós-deposicionais relatadas acima, notam-se também pequenas impressões de raízes em fragmentos do crânio e de alguns ossos longos (Fig. 12). A presença de tais elementos e sua ação potencial no deslocamento de materiais não deve ser descartada na interpretação da ausência de fragmentos e peças ósseas, especialmente no caso dos dentes.

Para a estimativa de sexo e idade foram utilizados os critérios propostos por Buikstra & Ubelaker (1994). Os indicadores utilizados no caso específico foram: para a estimativa de sexo, os processos mastóides, as margens supra-orbitais e a glabella no crânio, e a incisura isquiática na pelve; para estimativa de idade, o grau de fechamento das suturas cranianas e o desenvolvimento ósseo (verificação do estágio de fusão das epífises dos ossos longos) (Figs. 13, 14 e 15). De acordo com tais parâmetros, o esqueleto em questão pertenceu a um indivíduo do sexo feminino, que morreu entre 20 e 25 anos. Para a estimativa de estatura, foram utilizados os critérios estabelecidos por Genovés (apud Bass 1995), sugerindo uma estatura, em vida, ao redor de 1,46 m de altura.



Fig. 13 – Osso frontal exibindo glabella e arcos supraciliares pouco proeminentes e órbitas afiladas, compatíveis com o sexo feminino. Foto Claudia Rodrigues.



Fig. 14 – Processo mastóide com características femininas. Foto Claudia Rodrigues.

O indivíduo apresentava ossos delgados e impressões musculares suaves. Foram observadas facetas de agachamento em ambas as tíbias e tálus (Figs. 16 e 17), associadas à manutenção prolongada de postura agachada, sinal frequentemente observado em populações pré-históricas (Alvim e Uchôa 1993; Silva 1998). Além das facetas, os tálus também apresentam extensões das faces de articulação medial e extensões mediais e laterais das faces trocleares, feições essas associadas à

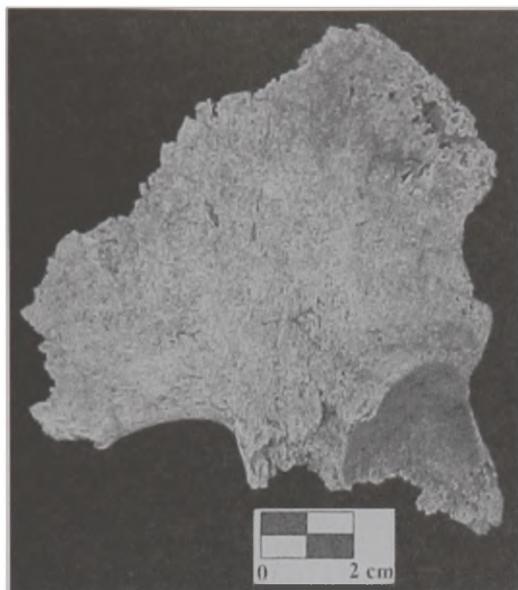


Fig. 15 – Ílio direito, fragmentado, apresentando incisura isquiática caracteristicamente feminina. Foto Claudia Rodrigues.



Fig. 16 – Tálus exibindo facetas de agachamento. Foto Claudia Rodrigues.

hiperflexão dorsal do pé, como na postura agachada (Fig. 18) – embora ainda existam discussões sobre o desenvolvimento dessas extensões a partir da interação de fatores mecânico-posturais e genéticos (Boulle 2001; Capasso *et al.* 1999).



Fig. 17 – Faceta de agachamento em ambas as extremidades das tíbias. Foto Claudia Rodrigues.



Fig. 18 – Tálus direito apresentando extensões das faces articulares. Foto Claudia Rodrigues.

Sinais sugestivos de osteoartrose foram verificados em duas vértebras lombares (L3 e L4), no tálus direito e em ambos os naviculares (Figs. 19 a 21).

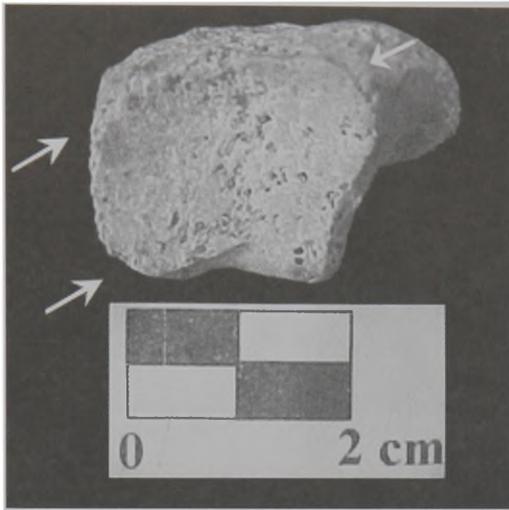


Fig. 19 – Navicular esquerdo apresentando sinais de osteoartrite leve. Foto Claudia Rodrigues.

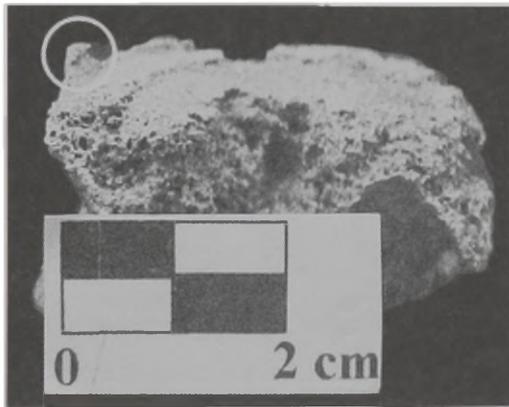


Fig. 20 – Vista posterior de L3 à esquerda, em destaque, projeção óssea. Foto Claudia Rodrigues.

As vértebras citadas apresentam pequenas projeções ósseas (osteofitos) nas faces articulares superiores e inferiores. Em L3, verifica-se osteofitose leve (menos de 1mm) na face articular superior do corpo vertebral, nas porções anterior e lateral esquerda. Uma projeção óssea vertical com cerca de 3mm de comprimento pode ser vista também nesta área. Na face articular inferior há dificuldade em visualizar-se estas evidências, devido ao estado de preservação do material, embora seja possível reconhecer a

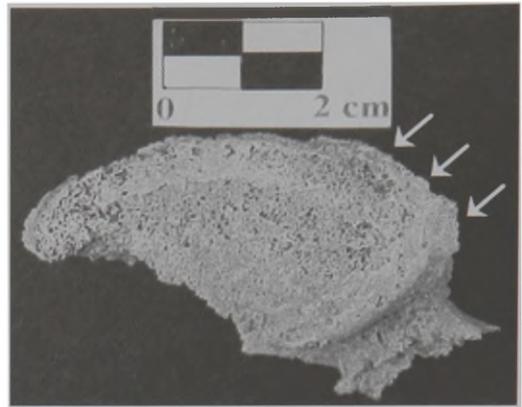


Fig. 21 – Vista inferior de L4, apresentando labiamento. Foto Claudia Rodrigues.

presença de uma formação contínua de pequenos osteofitos (labiamento) inferiores a 1mm. Em L4, a face articular superior também apresenta labiamento leve na porção lateral esquerda do corpo vertebral (na porção direita, há dano). Verifica-se na face articular inferior, também na porção lateral esquerda, outra formação contínua de osteofitos, que se estende anterior e posteriormente, com projeções de dimensões variadas, atingindo um máximo de 3,5mm exatamente no centro da porção lateral. Tais projeções são relativamente esperadas nesta região, pela pressão do peso do corpo e pelo estresse associado à locomoção, embora pareça ser precoce num indivíduo tão jovem, no caso em questão.

Leve crescimento ósseo é verificado nas margens da articulação talo-navicular do pé direito e no navicular esquerdo, não excedendo 1mm nesses casos. Tais sinais podem ser respostas à tensão freqüente da postura agachada. Infelizmente, o estado de conservação dos demais ossos não permite maiores observações.

Uma espícula óssea, com cerca de 4,8mm de comprimento, é verificada na face posterior da epífise proximal da fíbula esquerda (Fig. 22), próxima às fixações dos músculos tibial posterior e sóleo. Tal formação parece compatível com as ossificações, descritas na literatura (Hawkey & Merbs 1995), associadas à sollicitação excessiva do músculo ou a eventos (acidentes) que levem ao trauma abrupto, ruptura de tecido e posterior ossificação. Por ser um evento aparentemente isolado, sugerimos tratar-se de um episódio

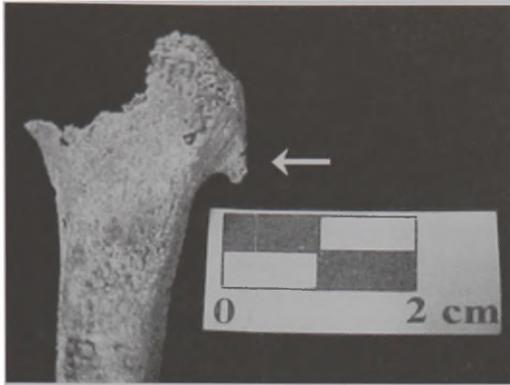


Fig. 22 – Epífise distal da fíbula esquerda, apresentando espícula óssea. Foto Claudia Rodrigues.



Fig. 23 – Dentes. Foto Claudia Rodrigues.

acidental, sem relação com as demandas mecânico-musculares cotidianas deste indivíduo.

Não foram verificadas outras evidências de lesões traumáticas ou patológicas, além das condições descritas acima e de lesões cáries. Cabe ressaltar que o estado de preservação do esqueleto pode ter apagado sinais patológicos mais sutis, como, por exemplo, evidências de periostites cicatrizadas.

Dos oito dentes recuperados (Fig. 23), três pertenciam à arcada superior (um canino, o segundo e o terceiro molar, todos esquerdos) e cinco à arcada inferior (o primeiro, o segundo e o terceiro molar esquerdo; e o primeiro e o segundo molar direito). Destes, apenas três estão isentos de cáries: o canino e o terceiro molar superiores e o segundo molar direito inferior. A única lesão verificada na arcada superior é oclusal (Fig. 24), enquanto as lesões cáries na arcada inferior são extensas e com exposição de câmara pulpar, em sua maioria, à exceção de uma lesão interproximal no segundo molar esquerdo. O desgaste é predominantemente leve.

O percentual de lesões cáries observado é alto, com 62,5% dos dentes afetados, um possível reflexo da recuperação de apenas oito dos trinta e dois dentes esperados em um adulto. A explicação para tão poucos dentes deve estar além da perda dentária em vida, a qual, em um indivíduo nesta faixa etária, não deveria ser tão extensa (salvo por condições fisiopatológicas particulares), mesmo no caso de uma alimentação rica em produtos cariogênicos.

Considerando-se que os dentes encontravam-se soltos e suas estruturas ósseas de suporte

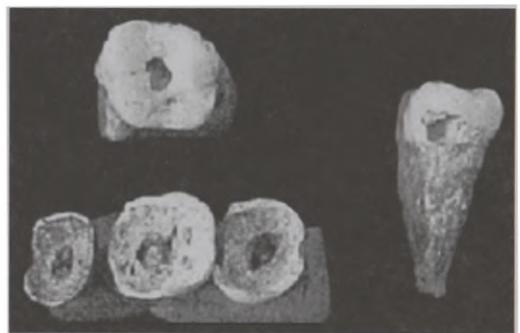


Fig. 24 – Lesões cáries. Foto Claudia Rodrigues.

fragmentadas e fragilizadas por processos tafonômicos, é possível supor a atuação de elementos perturbadores no microambiente da urna, como raízes ou pequenos animais, capazes de interferir na manutenção/preservação das peças dentais em seu interior, contribuindo possivelmente para a recuperação incompleta do conjunto original de dentes.

Altas prevalências de lesões cáries e desgaste pouco acentuado, como pode ser observado neste indivíduo, são condizentes com uma estratégia de subsistência horticultora (Lukacs 1989; Rodrigues 1997), tal como postulada para os Tupinambá. A possibilidade de o conjunto original de dentes estar incompleto não afeta esta

interpretação. Mesmo considerando hipoteticamente que os demais dentes foram perdidos apenas por processos tafonômicos, e que não tenham sido afetados por cáries, o material recuperado apresentaria, nessas condições, ao menos 15,62% dos dentes lesionados, um percentual suficiente para sugerir um estilo de vida baseado em cultivares (Powell 1985).

Marco temporal

O material esquelético foi datado por AMS em 430±40 BP⁷ (Tabela I), data que traz discussões interessantes sobre as características formais e estilísticas presentes no material cerâmico desse grupo que ocupou a região do Complexo Lagunar de Araruama desde tempos pré-coloniais.

Segundo Noelli (1999/2000), a análise das cerâmicas permite dizer que possuem “característi-

cas materiais constantes e variáveis formais estabelecidas dentro de um padrão estilístico rigidamente normatizado, submetido a regras tecnológicas reproduzidas na longa duração” Essas características podem, mais uma vez, ser comprovadas na estrutura funerária presente nesse sítio. Apesar da existência de um intervalo de ocupação de mais de 2.000 anos entre a Aldeia Tupinambá de Morro Grande (Buarque 1999, 2002) e o sítio Bananeiras (Tabela I), não se percebe diferença significativa entre as estruturas funerárias e os aspectos tecnológicos e decorativos presentes nos dois sítios. A estrutura funerária da aldeia de Morro Grande também era formada por uma urna com tampa, associada a outras tigelas pintadas, como pode ser observado na Figura 25. Ainda que haja uma diferença marcante no formato da urna, que pode ser resultado de influências do contato, toda a associação permanece de forma inalterada.

Tabela I – Datações

Nome do Sítio	Data	Método de Análise	Referência Bibliográfica
Aldeia Tupinambá de Morro Grande	1740±90 BP Beta 84333	C14	Buarque 1995, 1999, 2000, 2002
Aldeia Tupinambá de Morro Grande	2200±70 BP Gyf-sur-Yvette	AMS	Buarque 2002
Aldeia Tupinambá de Morro Grande	2600±160 BP Prime Lab	AMS	Macário 2003
Aldeia Tupinambá de Morro Grande	510±160 BP Prime Lab	AMS	Macário 2003
Aldeia Tupinambá de Morro Grande	311BP	TL	Latini 1998
Sítio Bananeiras	430±40 Beta 171160	AMS	Buarque 2002
Sítio São José	282 BP	TL	Latini 1998
Condomínio Jardim Bela Vista	500 BP	TL	Vinagre <i>et al.</i> 2001
Três Vendas	200±125BP Laboratório de Geocronologia da Krueger Enterprises Inc.	C14	Kneip 1980
Três Vendas	185±120BP Laboratório de Geocronologia da Krueger Enterprises Inc.	C14	Kneip 1980
Guaratiba	970±100		Dias Junior 1998
Sernambetiba	570±100		Dias Junior 1998

(7) Beta 171160

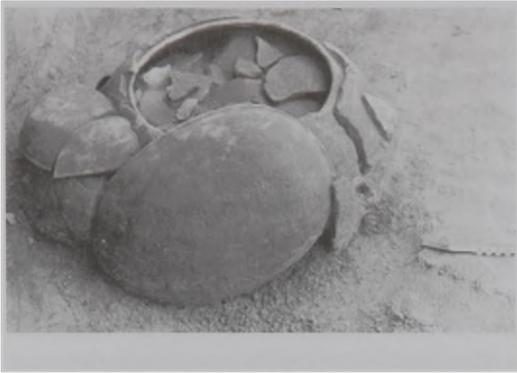


Fig. 25 – Estrutura funerária 1 – Aldeia de Morro Grande. Foto Maria Dulce Gaspar.



Fig. 26 – Estrutura funerária 2 – Aldeia de Morro Grande. Foto A. Buarque.

Na aldeia de Morro Grande, três tigelas pintadas, de formatos variados, encontravam-se emborcadas na lateral da urna corrugada. A tampa, também corrugada, tinha a parte superior quebrada, fato que normalmente ocorre pelo impacto devido à maior proximidade da superfície. As tigelas, ainda que com motivos decorativos diferenciados, guardam, como ocorre no exemplo do sítio Bananeiras, uma característica marcante das peças Tupinambá: a intenção de ocupar com desenho todo o interior das peças pintadas. A presença da faixa vermelha, separando o corpo da borda, pode ser considerada uma característica inalterada nesse universo pictórico. Outro elemento é a presença dos pontos ou de traços nos interstícios das linhas, como ocorre na tigela oval do Bananeiras e é bem marcado em vários exemplos de Morro Grande (Buarque 1999: 316). Ainda que tenha havido problemas tafonômicos, no caso do Sítio Bananeiras, que resultaram na alteração do posicionamento das duas tigelas pintadas, sabemos que elas se encontravam associadas à urna em um espaço de 1m², área em que estavam dispersos os fragmentos cerâmicos, provavelmente na mesma posição que a estrutura de Morro Grande. Outro exemplo, na aldeia de Morro Grande, é o de uma estrutura composta de urna com tampa, associada a vasilhas pintadas, com um dos potes emborcado no interior da urna (Fig. 26), sugerindo a cobertura do morto, como no exemplo do Bananeiras, ainda que naquele caso, dada a alta acidez do solo, não foi encontrado qualquer resto ósseo. Esses dados nos levam a pensar na possibilidade de um programa funerário para a região de Araruama que teve uma grande profundidade temporal.

É importante observar que, apesar da datação em tempo histórico correspondente ao ano 1520, não foi encontrado qualquer elemento que evidenciasse troca com o colonizador. Segundo fontes históricas “os primeiros trinta anos de colonização são de todo desinteressantes economicamente para Portugal, principalmente se levarmos em conta que o território não possuía nenhum bem economicamente lucrativo para o comércio nos mercados europeus. Nem metais ou pedras preciosas, nem especiarias. Só restando, em uma terceira possibilidade, produtos tropicais, para os quais ainda deveria ser aberto espaço de mercado” (Cordeiro, no prelo). Os três grupos que compunham a primeira leva de europeus a visitar a costa brasileira eram navegantes, além de alguns indivíduos que compunham a tripulação, que eram “deixados” nas praias, como degredados, desertores das esquadras e aqueles que deveriam conviver com os nativos, aprender sua língua, agenciar o escambo do pau-brasil.

Os degredados eram criminosos que por diversos delitos eram punidos com a pena de expulsão temporária do país. Eram abandonados nas praias (ainda não havia vilas fundadas nessa época)⁸ sem pertences ou provisões. Sua função, na então Terra dos Papagaios, era a de cumprir sua pena. Uma vez passados quatro anos, poderiam voltar a Portugal por um período nunca superior a seis meses e depois retornar (Cordeiro no prelo.). Os desertores eram marujos que, por motivos

(8) A primeira vila, São Vicente, foi fundada em 1538.

diversos, achavam por bem abandonar seu navio e ficar nessas terras.

Os encarregados pelas feitorias eram nomeados pelo rei e permaneciam nela por cerca de um ano, em grupos de três ou quatro homens. As feitorias eram galpões de madeira, cercados, com pouco ou nenhum mobiliário. No Cabo Frio foi fundada a mais antiga delas, em 1503/4, por Américo Vespúccio. Não podiam falar ou negociar com os nativos, ultrapassar os limites da feitoria, praguejar contra Deus, ou fazer incursões em terra firme. Para isso nos chama a atenção um dado do Regimento que dita vigiar a “gente que vos acompanha”, para evitar fuga, visando a permanência no Brasil.

Contudo, um fato une os três grupos: na “provisoriidade”, nenhum deles possuía mobiliário para sua permanência, ela ditava as regras e, no que se refere à cultura material, o enriquecimento se dá apenas a partir do momento em que as circunstâncias permitirem; em outras palavras, somente a partir da implantação da empresa colonial burguesa no Brasil. Os primeiros europeus que se instalaram no litoral eram desprovidos de itens domésticos, pois, muito menos que burgueses, eles eram a escória da sociedade européia. Os degredados, portanto criminosos, não seriam melhor tratados do que os responsáveis pelas feitorias, de quem sabemos não serem possuidores senão de arcas ou caixotes. Outros porque tinham como encargo se misturarem às tribos e viver com e como elas. Fossem eles equipados da “tralha doméstica” (Lima 1989: 205-230), não se inteirariam com a perfeição necessária (Cordeiro no prelo).

Contexto funerário a partir de dados etnográficos e arqueológicos

São recorrentes as narrativas dos cronistas do século XVI sobre a ocorrência de sepultamento em urnas. Soares de Souza (1971:330), em seu Tratado Descritivo do Brasil em 1587, diz que “... quando morre algum môço, filho de algum principal, que não tem muita idade, metem-no em cócoras, atados os joelhos com a barriga, em um pote em que ele caiba, e enterram o pote na mesma casa debaixo do chão...” Fernão Cardim (1980:94) assim descreve a prática de enterramento em urna: “... metem em um pote que para isso tem debaixo da terra, e o cobrem de terra, fazendo-lhe uma casa...”. Esse mesmo autor (1980:94) narra que “metem todas as suas jóias e metaras, para que as não veja ninguém, nem se lastime...”

Jean de Léry (1980:247) registra que sepultavam “juntamente com os seus colares, plumas e outros objetos de uso pessoal”. Hans Staden não faz referência à existência dos enfeites nos enterramentos, mas, no capítulo sobre o que usam as mulheres, refere-se à ocorrência de enfeites “...fazem-nos também de caramujos do mar...” (Staden 1974:169).

Foram encontrados dois pingentes feitos de gastrópode (Fig. 27), provavelmente *Strombus Costatus*, associados ao sepultamento, conforme os relatos feitos pelos cronistas. No Sítio Bananeiras, a situação de correspondência anatômica dos segmentos ósseos evidenciados ainda no local do sepultamento e a preservação/manutenção de grande parte do esqueleto, inclusive de pequenas peças, são indicadores claros de um enterramento primário, em urna, dado ainda não notificado na Região dos Lagos. A presença de estruturas funerárias sem preservação de material esquelético, porém com características semelhantes (associação de urna com tampa, tigelas e fogueira) àquelas presentes nas Aldeias de Morro Grande e São José e Serrano (Buarque 1999, 2000, 2001), sugere que tais sepultamentos fossem igualmente primários, dado que dependerá de futuras pesquisas para sua comprovação.



Fig. 27 – Um dos pingentes encontrados sobre a região torácica do esqueleto. Foto A Buarque.

Embora não seja possível determinar com clareza a forma e posição com que o corpo fora depositado, pode-se supor que a posição fetal tenha sido empregada, com braços e pernas hiperfletidos, provavelmente amarrados com materiais que não se preservaram, tal como postulado para os remanescentes humanos recuperados em urnas no sítio arqueológico Fonseca, no estado de São Paulo (Pallestrini 1969).

Sobre a própria preservação, poder-se-ia buscar sua justificativa no fato de pertencer a uma ocupação recente. No entanto, existem aspectos que devem ser considerados. Nos outros sítios da região, onde foram encontradas estruturas funerárias semelhantes, o solo se apresentava muito ácido, muitas vezes destruindo a maior parte da matéria orgânica, deixando evidente apenas o esmalte dos dentes (Buarque 1999: 315). No entanto, no Sítio Bananeiras, toda a camada estratigráfica se apresentava com densas camadas naturais de conchas (Fig. 2), resultantes da proximidade da lagoa de Araruama, o que pode ter contribuído decisivamente para a preservação do material orgânico.

Conclusão

As pesquisas na Região dos Lagos têm mostrado uma grande similaridade no que se refere ao padrão de sepultamento dos Tupinambá. O enterramento em urna foi a única forma encontrada. Devido à acidez do solo, nem sempre os esqueletos foram preservados e, em alguns casos, apenas o arranjo da estrutura configurava uma cena cerimonial ligada a sepultamento. Nas raras ocasiões em que se recuperaram remanescentes esqueléticos, estes quase nunca se encontravam em boas condições de análise, ora apresentando-se extremamente desgastados, ora restando somente pequenos fragmentos ósseos, havendo casos em que o único vestígio do morto era constituído por dentes. Esta situação demonstra a singularidade do sepultamento recuperado no sítio Bananeiras.

No entanto, apesar de tais limitações, alguns aspectos morfo-tecnológicos da cerâmica, além de

aspectos relacionados à forma como o material é encontrado, nos permitem reconhecer um programa funerário que é recorrente nos diferentes sítios pesquisados: nos sítios Serrano, São José, Morro Grande e Bananeiras, é uma constante a ocorrência de sepultamento em urna com tampa, associada a tigelas pintadas.

Informações contidas em cronistas do século XVI, como Léry (1980:247), fazem referência à presença de arranjos funerários tais como os encontrados nos sítios de Araruama, pois informam que os nativos “... acreditam firmemente que se Anhangá não encontrar alimentos preparados junto das Sepulturas, desenterrará e comerá o defunto; por isso colocam, na primeira noite depois de sepultado o cadáver, grandes alguidares de farinha, aves, peixes e outros alimentos e potes de cauim e continuam a prestar esse serviço verdadeiramente diabólico ao defunto, até que apodreça o corpo” Também Soares de Souza (1987:329) se refere às oferendas: “(...) fazem-lhe fogo ao longo da rêde para se esquentar, e põem-lhe de comer num alguidar, e água num cabaço, como galinha (...)”

Soma-se a este programa a prática de enterramento primário em urna, tal como evidenciado no sítio Bananeiras. Todavia não é possível ainda caracterizar a extensão ou importância desta prática, se era exclusiva, predominante ou esporádica na região, ou, ainda, produto do contato; se estava vinculada a padrões de idade e/ou sexo, etc. A amostragem pequena, somada à má preservação dos tecidos humanos nos demais sepultamentos recuperados, impede maiores inferências, sendo necessários outros achados semelhantes para responder a essa questão.

Agradecimentos

Meus agradecimentos a Maria Dulce Gaspar e a Márcia Barbosa pela leitura atenciosa deste artigo, a Bruno Roedel e a Jefferson da Silveira Martins pela reconstituição dos motivos decorativos presentes nos materiais cerâmicos e a Eliana Escórcio pela tradução do resumo. Agradeço, ainda à FAPERJ (Projeto Soberanos da Costa) pelo apoio à pesquisa.

BUARQUE, A.; RODRIGUES-CARVALHO, C.; SILVA, E.C. Funerary Program of the Tupinambá in Araruama, RJ – Bananeiras Site. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 13: 39-55, 2003.

ABSTRACT: In this article, we aim to present significant information about the mortuary structure found in the “Bananeiras” archaeological site (Araruama, RJ) related to the Tupinambá settlement. The preservation of skeletal remains was observed and, although friable, they have permitted macroscopical osteologic analysis that revealed the primary burial of a female individual, with non evident pathological signs, except for some dental caries, compatible to the subsistence strategy postulated for the group she belonged to. Cross-examination with research data from other sites allows us to assume the existence of an uniform mortuary program in that area, characterized by the presence of a mortuary urn with a lid and the associated painted bowls. Although the primary burial inside the urn has been confirmed, the absence of skeletal vestiges capable of being analyzed in similar sites does not allow us to establish this practice as exclusive in the area. It will take new discoveries to clarify this issue.

UNITERMS: Tupinambá – Funerary structure – Ethnographical data – Bio-archaeology.

Referências bibliográficas

- ALVIM, M.C.M.; UCHÔA, D.P.
1993 Efeitos do hábito de cócoras no tálus e na tíbia de indígenas pré-históricos e de um grupo atual do Brasil. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 3: 35-53.
- BASS, W. M.
1995 *Human Osteology. A laboratory and Field Manual*. Columbia: Missouri Archaeological Society.
- BOULE, E.
2001 Evolution of two human skeletal markers of the squatting position: a diachronic study from Antiquity to the Modern Age. *American Journal of Physical Anthropology*, 115: 50-56.
- BROCHADO, J.P.
1991 Um modelo de difusão da cerâmica e da agricultura no leste da América do Sul. Anais do 1º Simpósio de Pré-História do Nordeste Brasileiro. Recife: *Clio*, série arqueológica, 4: 85-88.
- BUARQUE, A.
1995 Uma Aldeia Tupinambá em Morro Grande. Porto Alegre: *Anais da SAB 1995*, Vol. 2.
1999 A cultura tupinambá no Estado do Rio de Janeiro. M.C. Tenório (Org.) *Pré-História da Terra Brasilis*, Editora UFRJ: 307-320.
2000 El Espacio Habitacional en la Aldea Tupinambá de Morro Grande. A.D. Coirolo; Boksan, R.B. (Eds.) *Simpósio Arqueologia de las Tierras Bajas*. Uruguay: Comisión Nacional de Arqueología, Ministerio de Educación y Cultura: 353-364.
2002 A Presença Tupinambá na Região dos Lagos. *Cd-Rom dos Anais da SAB 2001*.
- BUARQUE, A.; MARTINS, J.S.
1999 Os Sítios Arqueológicos e a ocupação do espaço na Região dos Lagos. *Cd-Rom da SBC*.
- BUIKSTRA, J.E.; UBELAKER, D.H. (EDS.)
1994 *Standards for data collection from Human Skeletal Remains*. Fayetteville: Arkansas Archaeological Survey. Research Series nº 44.
- CAPASSO, L.; KENNEDY, K.A.R.; WILCZAK, C.A.
1999 *Atlas of Occupational Markers on Human Remains*. Teramo: Edigrafital SpA - S. Atto.
- CARDIM, F.
1980 *Tratados da Terra e Gente do Brasil*. São Paulo: Editora da USP e Editora Itatiaia Ltda.
- CORDEIRO, J.
Nativos de Pindorama e os Filhos de Deus: o contato entre mundos e a cultura material (no prelo).
- DIAS JÚNIOR, O.
1998 O índio no Recôncavo da Guanabara, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB)* a.159, n. 399: 353-641.
- HAWKEY, D.E.; MERBS, C.F.
1995 Activity-induced musculoskeletal stress markers (MSM) and subsistence strategy changes among ancient Hudson Bay Eskimos.

- Internatioanl Journal of Osteoarchaeology*, 5: 324-338.
- KNEIP, L.M.
1980 A Aldeia Pré-histórica de Três Vendas, Araruama, Estado do Rio de Janeiro. São Paulo: *Revista do Museu Paulista*, Nova série, XVII, USP: 283-338.
- LA SALVIA, F.; BROCHADO, J.P.
1989 *Cultura Guarani*. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura.
- LATINI, R.M.
1998 *Caracterização, Análise e Datação de Cerâmicas Arqueológicas da Bacia Amazônica através de Técnicas Nucleares*. Niterói, Tese de Doutorado defendida na Universidade Federal Fluminense (UFF).
- LÉRY, J. DE
1980 *Viagem à Terra do Brasil*, São Paulo: Editora da USP Editora e Itatiaia Ltda.
- LIMA, T.A.
1989 A tralha doméstica em meados do século XIX: reflexos da emergência da pequena burguesia no Rio de Janeiro. *Dédalo*, São Paulo, publicações avulsas, I: 205-230.
- LUKACS, J.
1989 Dental Paleopathology: Methods for Reconstructing Dietary Paterns. M. Iscan; K. Kennedy (Eds.) *Reconstruction of Life from the Skeleton*. New York, AR Liss: 261-286.
- MACÁRIO, C.D.K.
2003 *Preparação de amostras de Radiocarbono e Aplicações de MAS em Arqueologia e Geologia Marinha*. Niterói, Tese de Doutorado defendida no Instituto de Física da Universidade Federal Fluminense (UFF).
- NOELLI, F.
1999/2000 A ocupação humana na Região Sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas – 1872-2000. São Paulo: *Revista da USP*: 218-269.
- PALLESTRINI, L.
1969 Sítio Arqueológico Fonseca. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, 104 pp.
- POWELL, M.L.
1985 The Analysis of Dental wear and caries for Dietary Reconstruction. In: *The analysis of prehistoric diets*. Academic Press: 307-339.
- RODRIGUES, C.D.
1997 *Perfis Dento-Patológicos nos Remanescentes Esqueletais de dois Sítios Pré-Históricos Brasileiros: o Cemitério da Furna do Estrago e o Sambaqui de Cabeçuda* Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado defendida na Escola Nacional de Saúde Pública/Fundação Oswaldo Cruz.
- SCHEEL-YBERT, R.
1999 Paleoambiente e paleoetnologia de populações sambaqueiras do sudeste do estado do Rio de Janeiro. São Paulo: *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 9: 43-59.
- SILVA, A.L.
1998 *Facetas de Agachamento em Astrágalos Humanos do Sítio Cemitério de Barão do Iriri*. Rio de Janeiro: Monografia de Graduação apresentada à Universidade Estácio de Sá.
- STADEN, H.
1974 *Duas Viagens ao Brasil*. São Paulo: Edusp e Editora Itatiaia Ltda.
- UBELAKER, D.H.
1997 Taphonomic applications in forensic anthropology. W.D. Haglund; M.H. Sorg (Eds.) *Forensic Taphonomy. The post mortem Fate of Human Remains*. Boca Raton/New York/London/Tokyo: CRC Press: 77-90.
- VINAGRE, U.M.; BELLIDO, A.V.; LATINI, R.M.; ROSSI, A.M.; BUARQUE, A.
2000 Datação e caracterização de materiais arqueológicos da região de Araruama no Estado do Rio de Janeiro. São Paulo: *Anais do Encontro de Aplicações Nucleares (ENAN)*: 285-298.

Recebido para publicação em 3 de junho de 2003.